

# “NÃO SABEMOS DO QUE RIMOS” — UM ESTUDO SOBRE O RISO EM FREUD

## “WE DON’T KNOW WHAT WE’RE LAUGHING ABOUT” — A STUDY ON LAUGHTER IN FREUD

Vitor Hugo Abranche de Oliveira 1

**Resumo:** Esse trabalho propõe uma reflexão acerca dos conceitos freudianos sobre o que é risível e como se manifesta. O interesse é perceber a maneira com que os pressupostos psicanalíticos se entrelaçaram com essa reflexão sobre o risível e como mudaram no decorrer da obra de Freud. Entende-se que o foco no inconsciente, estabelecido pela Primeira Tópica muda para um foco no Super-eu, estabelecido na Segunda Tópica, incorrendo em mudanças significativas para a compreensão do chiste, do humor, do cômico e, assim, do riso em geral. Por fim, apresenta-se uma relação entre o conceito de sublimação e de humor como corolário das conclusões de Freud a respeito.  
**Palavras-chave:** Riso. Inconsciente. Super-eu. Sublimação.

**Abstract:** This work proposes a reflection on freudian concepts about what is laughable and how it manifests itself. There is interest in perceiving the way in which psychoanalytic assumptions were intertwined with this reflection on the laughable and how they changed in the course of Freud’s work. It is understood that the focus on the unconscious, established by the First Topical shifts to a focus on the Super-Self, established in the Second Topical, incurring significant changes for the understanding of the joke, humor, the comic and, thus, laughter in general. Finally, it presents a relationship between the concept of sublimation and humor as a corollary of Freud’s conclusions about it.

**Keywords:** Laugh. Unconscious. Super-ego. Sublimation.

## Introdução

O tema do riso não encontrou um encerramento na obra de Freud apesar de, desde o início, o riso ser um assunto bastante sério para ele. Isso por que, conforme nos indica P. Gay (1992), além de ser um irônico espirituoso e colecionador de anedotas, que seriam usadas no livro “O Chiste e sua relação com o inconsciente” (FREUD, 2017)<sup>1</sup>, Freud já percebia, ao elaborar a tese de “A Interpretação dos Sonhos” e publicá-la em 1900, que há uma ligação entre a pressão exercida — que ganharia o nome de recalque — e os caminhos pelos quais inconsciente *escapa* (os sonhos, os chistes, os atos falhos, etc.). Essa configuração da psiquê leva ao indivíduo cindido, próprio da psicanálise, dividido entre a sua vontade consciente e os impulsos que irrompem do inconsciente.

Como nos lembra George Minois, em “História do Riso e do Escárnio” (2003), o riso nunca teve apenas um sentido social. Ele é por si só polissêmico e *multifacetado*, se pudermos utilizar esse termo. Entretanto é bastante sintomático percebermos como a contemporaneidade trouxe o riso para a superficialidade cínica e grotesca do mundo político-midiático e das redes sociais. Um riso que não tem nada de humorístico e de prazeroso. Se equipara muito mais a uma máscara do que à fruição da diversão.

Cremos que é interessante abordarmos a perspectiva psicanalítica freudiana do que é risível para compreendermos um pouco melhor esse fenômeno. Chama nossa atenção, como ponto de partida, uma frase estratégica de Freud: “*não sabemos do que rimos*” (2017, p. 146. grifos do autor), evidenciando nossa psiquê cindida.

Abordar, entretanto, a compreensão freudiana acerca do riso significa compreender parte do desenlace sua própria trajetória, partindo de “O Chiste e sua relação com o inconsciente” (2017) até alcançar “O Humor” (2014)<sup>2</sup>, entendendo as mudanças de paradigmas psicanalíticos entre os dois textos. Esse breve estudo releva as teses levantadas nesse processo, abordando sua concepção de ser humano, as tópicas freudianas e como o conceito do que é risível sofre alterações no final de sua obra.

Por outro lado, entendemos que é interessante também procurarmos onde o riso não é sinônimo de cinismo ou infantilização, mas de genuíno prazer e diversão, de subversão da realidade e de emancipação intelectual. Para tanto, acreditamos que a tese de D. Kupermann da relação do conceito de humor com o conceito de sublimação freudianos como uma abordagem interessante para pensarmos a relação do riso com o prazer.

## O conceito de inconsciente e a relação com o risível

A partir do final do séc. XIX, Freud abordava os processos e os sofrimentos psíquicos de uma maneira que concebia o ser humano como uma cisão, uma clivagem, mas não como uma fraqueza, e sim como uma característica humana, resultado de um permanente conflito. Para o autor, nossas ações estariam muito além do controle consciente.

O Inconsciente é entendido como um processo ativo e dinâmico, composto pelo conteúdo latente (não perceptível conscientemente por estar recalçado), mas que se manifesta por indícios e evidências; por exemplo, lapsos, memórias, sonhos, atos falhos e sintomas.

Na esteira das reflexões sobre o recalque e as irrupções do inconsciente, o riso é abordado de maneira específica, primeiramente, em “O Chiste e a sua relação com o inconsciente” (2017); texto que sucede os estudos sobre a histeria, sobre o inconsciente em “A Interpretação dos Sonhos” (2019)<sup>3</sup>, “Psicopatologia da Vida Cotidiana” (1901)<sup>4</sup>. Freud vinha da estruturação do conceito de inconsciente e da formulação da Primeira Tópica, ou seja, da divisão entre consciente, pré-consciente e inconsciente. Assim, o estudo sobre os chistes complementa os estudos sobre sonhos, atos falhos, ideias súbitas, espontâneas, mas também revela parte do funcionamento de nossa psiquê.

O *chiste* é uma forma risível bastante específica, originária de um jogo de palavras. É

---

1 \_\_\_\_\_ Original de 1905.

2 \_\_\_\_\_ Original de 1927.

3 \_\_\_\_\_ Original de 1900.

4 \_\_\_\_\_ Original de 1901.

uma elaboração linguística espontânea, abreviada, condensada, inesperada. Tal qual memórias involuntárias ou atos falhos, ocorre através de um sobressalto espirituoso e curto, ocorrendo um desvio no sentido original, deslocando a frase, fazendo-a adquirir um significado inesperado. É necessário possuir presença de espírito para a produção de um chiste. Ser uma pessoa *espirituosa* como ressalta Freud. Situações como essas produzem um prazer repentino, muitas vezes levam as pessoas a *rebrantar* de rir devido à associação inesperada.

Dentre os inúmeros chistes que aparecem na obra de 1905, gostaríamos de citar um a título de exemplo de como um desvio inesperado, espontâneo e único na linguagem pode provocar o riso:

Um jovem foi introduzido num salão parisiense como parente do grande Jean-Jacques Rousseau, cujo nome também portava. Além disso, ele era ruivo. Ele se comportava de maneira tão inapropriada, porém, que a dona da casa disse ao homem que o introduzira, em tom crítico: *“Vous m’avez fait connaître un jeune homme roux et sot, mais non pas un Rousseau”* [Você me apresentou um jovem ruivo (roux) e tolo (sot), mas não um Rousseau]. (FREUD, 2017, pág. 46)

O caminho seguido por Freud é a equiparação estrutural entre a atividade chistosa e a atividade onírica. Em *“A Interpretação dos Sonhos”* (2019), havia entendido que existem nos sonhos o “conteúdo manifesto do sonho” e os “pensamentos latentes do sonho” e que nos trabalhos oníricos há uma lógica que tem na *condensação* o mecanismo da *abreviação* e das *formações substitutivas*: portanto, processo psíquico muito similar ao chiste. “Não podemos duvidar de que, aqui como lá, temos diante de nós o mesmo processo psíquico, que podemos reconhecer no idêntico funcionamento de ambos os casos” (FREUD, 2017, p. 45).

Nos sonhos é frequente que determinado conteúdo seja condensado (por exemplo, várias pessoas sendo representadas apenas por uma). No chiste, há uma semelhança no mecanismo, quando uma palavra ganha outro significado. Além da condensação, outros mecanismos ocorrem tanto no sonho quanto no chiste, como o deslocamento, o contrassenso, a representação pelo oposto ou a alusão. “Uma concordância tão grande quanto essa entre os recursos do trabalho chistoso e do trabalho onírico não pode ser fortuita.” (*Ibid*, p. 128).

Para o autor, a formação do chiste está relacionada a um retorno à forma infantil de correlacionar as coisas, procurando aquela forma de jogar com as palavras que ocorria na primeira infância, procurando aquela fonte de prazer primordial que existia nesse jogo. Essas manifestações linguísticas, tratando as palavras com coisas, são manifestações do inconsciente infantil, e produzem um efeito cômico nos adultos. Da mesma maneira, distúrbios psíquicos, delírios dos doentes mentais podem ser interpretados como elaborações do inconsciente, numa tentativa de fuga da realidade. A interpretação dos delírios não deve passar pela exigência da racionalidade do pensamento consciente, mas pela “arte interpretativa” que Freud elabora n<sup>o</sup> *“A Interpretação dos Sonhos”* (2019).

Há uma diferença entre como o chiste e o sonho solucionam a pressão da censura. O chiste procura contornar a censura, recorrendo ao absurdo ou ao velho prazer pelas palavras. Já o sonho recorre ao deslocamento (desvios do curso de pensamento, representação indireta, substituição de um elemento por outro, menos incômodo).

Convém lembrar que naquele momento de suas pesquisas, Freud observava que era fundamental compreender o recalque como um elemento determinante da vida psíquica e na sua compreensão das neuroses. Isso ficaria claro logo três anos depois, em 1908, no artigo *“A moral sexual ‘cultural’ e o nervosismo moderno”*. Se os sonhos significavam uma tentativa de superar a censura, os chistes seguiriam então os mesmos caminhos. “A tarefa da formação do sonho consiste sobretudo em superar a inibição da censura, e justamente essa tarefa é realizada pelos deslocamentos da energia psíquica no material dos pensamentos oníricos” (FREUD, 2017, p. 235). A mesma energia, então, em busca da obtenção de prazer por uma suspensão da censura, ocorreria nos chistes.

Para compreender esse mecanismo de censura, Freud separa chistes não-tendenciosos

(inocentes) e chistes tendenciosos. Nos chistes tendenciosos (hostis e obscenos) há um alvo a ser atingido, ou seja, uma segunda pessoa, e há uma partilha com uma terceira pessoa. Nesses casos, há a tentativa de superar a censura que provém de uma autoridade (hostilidade a políticos, a instituições, por exemplo) ou a inibição sexual (piadas sexuais, de desnudamento). Esse tipo de acesso ao inconsciente, ou seja, quando o chiste é elaborado com sucesso, de modo espontâneo, súbito e risível, significa que a censura foi suspensa repentinamente. O fato de que mais pessoas ao redor riem significa que a censura era compartilhada e foi, conjuntamente, coletivamente, suspensa.

A tese que queremos guardar é a de que o riso é provocado pela liberação de uma carga de energia acumulada e que essa liberação só é possível pela *suspensão do recalque*. O mecanismo se dá através de uma irrupção inesperada do inconsciente, vencendo as barreiras repressivas. Na concepção de um ser-humano conflituoso, portador de forças que ele mesmo desconhece, o chiste seria, como os sonhos, uma forma de escapar desse recalque. O riso seria provocado pela liberação da energia acumulada pelo recalque.

Quando afirma que “*não sabemos do que rimos*” (*Ibid.* p. 146), Freud expõe a questão do automatismo de algumas reações da mente, mas também a questão da clivagem entre consciente e inconsciente. “*Não sabemos do que rimos*”, sim, mas sabemos que o riso é uma irrupção contra um recalque: o chiste provoca prazer através de um jogo inesperado de inteligência, de uma relação feita no inconsciente e trazida para o consciente inesperadamente.

Na parte final do texto, Freud faz uma diferenciação de três tipos de situações risíveis. O chiste, o cômico e o humor.

No caso do cômico, não há um alvo e nem a necessidade de uma outra terceira pessoa que receba e ratifique o risível. A forma cômica não precisa vir de elaborações intelectuais. Ela aparece como repetições de vocábulos, caricaturas, exagerados. O que mais se aproxima do cômico é o chiste *ingênuo*. O ingênuo não pode ser criado. Ele é espontâneo ao limite. É uma forma de cômico que “surge quando alguém desconsidera inteiramente uma inibição porque ela não está presente nele; portanto, quando ele parece superá-la sem esforço algum” (*Ibid.* p. 258)

O indivíduo ingênuo não possui inibição. Como não há inibição, não há o que ser contornado, no ouvinte a economia de esforço é tamanha que muitas vezes há descarga súbita e forte de riso. Evidentemente, as crianças são as primeiras a serem lembradas, mas também há os “adultos pouco cultivados” (*Ibid.* p. 259).

Por último, Freud dedica-se à questão do humor e de tentar compreender sua natureza pelo que já foi estudado do chiste e do cômico. Retoma que o que produz o cômico deve estar livre de laços afetivos dolorosos (em situação dolorosa), a pessoa não deve estar envolvida.

O humor, por outro lado, vai conseguir suportar os laços afetivos dolorosos: “O humor é, afinal, um meio de adquirir prazer apesar dos afetos dolorosos que o dificultam; ele age como um substituto desse desenvolvimento dos afetos, ele se coloca no lugar deles.” (*Ibid.* p. 232). As piadas em situações de cadafalso são as preferidas de Freud. Seu exemplo recorrente é do prisioneiro que, ao ser encaminhado para a forca na segunda-feira pela manhã, diz: “A semana está começando bem!” (*Ibid.* p. 324).

Nossa compaixão diante de uma situação penosa e que deveria suscitar o desespero no prisioneiro é liberado subitamente por uma mudança radical no pensamento. “O prazer do humor surge então — não podemos dizer outra coisa — à custa dessa liberação reprimida de um afeto; ele brota de um gasto afetivo economizado” (*Ibid.* p. 233).

Ao contrário do chiste, o humor pode ser sentido individualmente, não precisa ser partilhado. O deslocamento humorístico seria uma espécie de mecanismo de defesa. Uma fuga bem-sucedida para evitar a sensação de desprazer. A repressão malsucedida, ao contrário, pode levar às psiconeuroses. O humor, então, atua como uma defesa elevada. Ele é uma espécie de posicionamento maduro frente um afeto doloroso. Uma visão superestimada de si mesmo do tipo “Eu sou muito grande (admirável) para que essas coisas me afetem” (*Ibid.* p. 331). O “eu” adulto, amadurecido observa com superioridade o “eu” infantil e dele ri, ocorrendo uma descarga de prazer.

## Hiato na questão do riso e desenvolvimento da obra.

Ao longo dos anos, Freud desenvolve vários outros conceitos, alcançando novas perspectivas e aprofundando sua teoria. Só viria a abordar novamente a questão do risível vinte e dois anos depois com a publicação de “O Humor”, em 1927, num período em que seus estudos se voltavam muito menos para a estruturação da psicanálise em suas bases conceituais e epistemológicas, e mais para os assuntos sociológicos suscitados pela psicanálise. É importante compreendermos a distância e o movimento entre os dois textos, de 1905 a 1927, para que compreendamos as conclusões que ele alcançaria no segundo texto.

Nesse percurso, várias novas descobertas, desenvolvimentos e conceitos se estruturaram. A investigação de “Totem e Tabu”, em 1914, que observou a presença da figura paterna na vida psíquica; a conceituação de pulsão de morte — em “Além do Princípio do Prazer” (2010), de 1920 — como uma força ulterior ao princípio do prazer-desprazer; a descoberta, denominada Narcisismo, de que o próprio Eu pode ser investido de prazer autoerótico; o fato de que as Pulsões podem ter vários destinos (transformação em seu contrário, redirecionamento contra a própria pessoa, o recalque, a sublimação) e, sobretudo, a formulação da Segunda Tópica (*Eu, Id e Super-eu*), desenvolvida no texto “O Eu e o Id”, de 1923.

Todas essas transformações, acrescidas das experiências traumáticas da Primeira Guerra Mundial, fizeram com que Freud observasse as consequências sociológicas de suas pesquisas em “Introdução à Psicanálise e as neuroses de Guerra”, de 1919, “Psicologia das massas e análise do Eu”, de 1921 e “O futuro de uma ilusão”, de 1927.

## O Humor

“O Humor” (2014) deve ser compreendido nesse segundo contexto, onde a questão não era mais, apenas, na suspensão do recalque, mas na relação do Super-eu com o Eu. É um texto que vem “a reboque” das elaborações anteriores e, talvez por isso, tenha um caráter muito mais conclusivo e seja bem mais curto em tamanho (apenas um artigo) frente a todas as elaborações teóricas e exemplos longamente trabalhados em no livro dos chistes de 1905.

Em 1927, Freud lembra que em 1905, empenhou-se em demonstrar “que o ganho de prazer humorístico vem de uma economia no dispêndio afetivo” (2014, p. 323). Separa em duas possibilidades: por um lado, ela pode ser uma atitude que o humorista é o próprio objeto de humor, enquanto o outro seria um mero espectador; ou pode ocorrer entre duas pessoas, sendo que a segunda seria o objeto do humor, o alvo de uma agressão humorística, recorrendo-se a uma terceira pessoa, um espectador para compartilhar essa agressão.

Resumindo, pode-se dizer que a postura humorística — não importando em que ela consista — pode ser dirigida para a própria pessoa ou para outras; é de supor que traga um ganho de prazer para quem a adota; o espectador não participante tem um ganho de prazer semelhante. (FREUD, 2014, p. 324).

Freud considera que há uma *relação afetiva* entre a pessoa que produz o humor e o ouvinte, o que recebe o humor, por assim dizer. A plateia espera e acompanha o humorista em seus sinais afetivos (dor, desespero, melancolia...), acumulando afeto. Mas, como um salto, quando o humorista faz um chiste — uma mudança repentina, inesperada, um sobressalto — ocorre uma *descarga* do afeto acumulado: “do dispêndio afetivo assim poupado nasce, no ouvinte, o prazer do humor” (*Ibid.* p. 324).

Mas, logo em seguida Freud esclarece, nessa descarga do afeto, há um afastamento da “possibilidade de tais expressões de afeto” 324. Precisa haver uma paridade, uma comunhão, uma cumplicidade entre humorista e plateia: “o que ocorre no humorista tem de coincidir com o que sucede no ouvinte, mais corretamente, o processo que tem lugar neste precisa haver copiado o que ocorre no humorista” (*Ibid.* p. 324).

Freud entende, então, que o humorista é quem deve ser investigado. O ouvinte constitui uma espécie de “eco” (*Ibid.* p. 324) da intenção do humorista. Nas três formas que proporcionam o riso, humor, chiste e comicidade, há tentativa de ganho de prazer intelectual e os três

possuem um caráter de libertador.

Mas no humor, há “algo de grandioso e exaltante” que não há no chiste e na comicidade. Essa grandiosidade “está claramente no triunfo do narcisismo, na vitoriosa afirmação da invulnerabilidade do Eu. [...] “O humor não é resignado, é rebelde, ele significa não é apenas o triunfo do Eu, mas também do princípio do prazer, que nele consegue afirmar-se, contra a adversidade das circunstâncias reais” (*Ibid.* p. 325).

Até aqui, poderia tentar haver uma equiparação entre humor e chiste, no sentido de que, a tese sobre os chistes é a tentativa de libertar-se do recalque. Igualmente há uma tentativa de afastar o sofrimento e alcançar o prazer. Porém, no caso do humor (da relação do humorista com a plateia), a gestão não se dá pela espontaneidade, mas pelo uso do narcisismo para evocar o riso.

Através do conceito de narcisismo, Freud pode perceber uma similaridade do humor triunfante com “processos regressivos ou reacionários que tanto nos ocupam na psicopatologia” (*Ibid.* p. 325). O humor assemelha-se às ferramentas psíquicas para fuga do sofrimento. Na psicanálise Freud já havia estudado essas fugas na neurose, na loucura, na intoxicação, no ensimesmamento, e no êxtase, etc. Há, no humor, um sobreinvestimento no prazer narcísico. O humor é uma ênfase na “recusa ao sofrimento, enfatiza a invencibilidade do Eu ante o mundo exterior, sustenta vitoriosamente o princípio do prazer” (*Ibid.* p. 326).

O chiste pressupõe uma forma de agressão através de um jogo inesperado de inteligência, de uma relação feita no inconsciente e trazia para o consciente. No humor, não. No humor, há uma elaboração entre humorista e plateia. Freud crê que a relação de humor entre o humorista e o ouvinte é a mesma do adulto com a criança. O adulto domina a criança no sentido de que “reconhece e ri da futilidade dos interesses e sofrimentos que a ela parecem grandes” (*Ibid.* p. 326). Como um pai sobre o filho.

O humor é uma ênfase na “recusa ao sofrimento, enfatiza a invencibilidade do Eu ante o mundo exterior, sustenta vitoriosamente o princípio do prazer” (*Ibid.* p. 326). Após as formulações de “O Eu e o id” e do peso do Super-eu, Freud crê que a relação de humor entre o humorista e o ouvinte é a mesma do adulto com a criança. Ocorre uma simulação em que o humorista adota, momentaneamente, o papel de Super-eu: é como se o humorista/pai dissesse ao ouvinte/criança que a realidade não é perigosa que, na verdade ela é até risível.

O conhecimento psicanalítico do Super-eu possibilitou compreender esse papel de infantilização do público. O Super-eu é essa instância paternal, punitiva, rigorosa, que submete o Eu a uma dependência. Como de um pai para um filho. A postura humorística, então, consistiria “em que a pessoa do humorista tirou o acento psíquico de seu Eu e o transpôs para seu Super-eu” (*Ibid.* p. 327). O ouvinte desloca seu psiquismo para o humorista, que incorpora o papel do Super-eu.

Há, então, com “grandes montantes de investimento” (*Ibid.* p. 327), uma supervalorização do Super-eu, inflado, diante do apequenamento do Eu.

Freud retoma que em seus trabalhos ele conseguiu perceber que há diferenças entre a paixão, que é o investimento no outro, um esvaziamento do Eu. Pode, então, observar que no humor, ocorre algo semelhante. O Eu esvazia-se e apequena-se para dar lugar ao Super-eu.

Tive que conjecturar, em relação à origem do chiste, que por um instante um pensamento pré-consciente é deixado à elaboração inconsciente, que o chiste seria, desse modo, a contribuição ao cômico fornecida pelo inconsciente. De forma semelhante, o humor seria a contribuição ao cômico por intermédio do Super-eu (FREUD, 2014, 329).

O Super-eu, então, surpreende pois, além daquela imagem de severidade, agora aparece como aquele que pode proporcionar prazer ao Eu, mas investindo-o em seu narcisismo. Ele utiliza-se do *narcisismo* do Eu, “cuidando” desse Eu, promovendo-lhe prazer, um vínculo de ordem libidinal. Mas o prazer do humor, dominado pelo Super-eu, não é tão intenso quanto o do chiste (que é um sobressalto do inconsciente). Por isso, “o Super-eu, ao provocar a atitude

humorística, está efetivamente rejeitando a realidade e servindo a uma ilusão” (*Ibid.* p. 329).

É importante perceber o regozijo do Eu nesse prazer “libertador e exaltador” (*Ibid.* p. 329) do humor, apesar de não ser tão intenso. Entende, então, que o Super-eu age como uma figura paterna que diz a uma criança que uma situação não é tão perigosa quanto a criança imaginava. A situação até merece um gracejo. “o Super-eu, no humor, fala de modo assim carinhoso e consolador ao Eu amedrontado” (*Ibid.* p. 330).

“Se o Super-eu busca, através do humor, consolar e proteger do sofrimento o Eu, não contradiz, dessa forma, sua procedência da instância parental” (*Ibid.* p. 330).

Convém lembrar, como dissemos no início desse tópico, que essas elaborações seguem as teses desesperançosas em que Freud observava a obediência, a submissão de indivíduos e das massas a figuras paternas. O humor, nesse sentido, insere-se quase como um mecanismo de acalento para um Eu desamparado.

### Uma compreensão pela via da sublimação

Daniel Kupermann nos oferece um interessante caminho para a compreensão do risível na psicanálise freudiana. Para o autor, se associarmos o conceito de humor ao conceito de sublimação, compreendendo o humor como uma forma de sublimação, é possível percebermos tanto aproximações entre essas duas elaborações como alguns aspectos em que há correspondência entre elas. Em outras palavras, Kupermann defende a tese de que o humor é uma forma de sublimação.

A sublimação é um conceito que não foi desenvolvido por Freud em trabalhos metapsicológicos. É definida, ao longo da obra, como um dos destinos da pulsão. Conforme elaborou em 1915 em “Os instintos e seus destinos”. Não podendo alcançar satisfação na realidade, a pulsão teria alguns destinos possíveis: a inversão, o recalque, o narcisismo (os sintomas), ou a sublimação.

Sublimar seria, então, dar um destino *sociável* para a pulsão e isso se daria, então, como esclarece em “O mal-estar na civilização”, em 1930, a princípio, pelo trabalho artístico ou científico:

A satisfação desse gênero, como a alegria do artista no criar, ao dar corpo a suas fantasias, a alegria do pesquisador na solução de problemas e na apreensão da verdade, tem uma qualidade especial, que um dia poderemos caracterizar metapsicológicamente. Agora podemos dizer apenas, de modo figurado, que ela nos parece “mais fina e elevada”, mas a sua intensidade é amortecida, comparada à satisfação de impulsos instintuais grosseiros e primários; ela não nos abala fisicamente. (FREUD, 2010, p. 35)<sup>5</sup>.

Há uma celeuma na comunidade psicanalítica, envolvendo vários estudos e interpretações, entre aqueles que defendem uma posição de que a sublimação se daria apenas no campo artístico e científico (que seriam contribuições sociais mais evidentes) e aqueles que entendem que haveriam outras vidas para a sublimação. O próprio Freud, na nota de rodapé que segue a citação precedente, parece indicar que o labor pode trazer satisfação sublimatória:

A atividade profissional traz particular satisfação quando é escolhida livremente, isto é, quando permite tornar úteis, através da sublimação, pendoros existentes, impulsos instintuais subsistentes ou constitucionalmente reforçados. E, no entanto, o trabalho não é muito apreciado como via para a felicidade. As pessoas não se lançam a ele como a outras possibilidades de gratificação. A imensa maioria dos homens trabalha apenas forçada pela necessidade, e graves problemas sociais derivam dessa natural aversão humana ao trabalho. (FREUD, 2010, p. 36)

O trabalho de Kupermann insere-se nesse debate e, a partir da perspectiva freudiana, indica o humor como uma forma de sublimação, ou seja, como uma tentativa de emancipação política e intelectual, de afirmação do desejo frente às adversidades da realidade, de transgressão a partir de uma reordenação da realidade. Nas palavras do autor, o humor seria uma forma de “reajustar os elementos do seu mundo de uma forma que lhe seja satisfatória” (*Ibid.* p. 27).

Para sustentar esse argumento, o autor parte da ideia freudiana de que existe um “prazer preliminar” (*Ibid.* p. 43), um prazer original que se configura na primeira infância, que foi constituído livre de quaisquer mecanismos de recalque. Conforme a infância se desenvolve esse prazer passa a ser uma referência a ser buscada. O humor, a arte, a estética, todas as maneiras de se buscar prazer seriam formas secundárias de tentativa de reencontro com esse prazer primário. O desejo nasce da ausência e, conseqüentemente, da busca por esse prazer.

Ao explicar a síntese do desejo, Kusnetzoff (1982) nos esclarece que, a via de regra, a criança só tem uma necessidade biológica pura uma vez. Após mamar no seio a primeira vez, o leite passa a ganhar valor simbólico para a criança, que passa a desejar algo a mais e, já que o leite é também fornecido por outro ser humano, a organização psicológica se dá entre a biologia e a cultura. “O desejo — precisamente — será essa tensão, apoiado na necessidade, que deseja igualar uma ou mais experiências anteriores mas que, por ser desejo, está fadada a nunca ser alcançada” (KUSNETZOFF, 1982, p. 173). Após mamar, a criança passa a desejar “algo a mais”. “Essa coisa a mais é uma representação, uma imagem daquilo que foi e que se deseja possuir agora” (*Ibid.* p. 173), mas não possuirá mais.

Em Freud finaliza o livro dos Chistes postulando que o ser humano, ao buscar constantemente o prazer, visa restaurar essa condição inicial, esse prazer primordial. “O objetivo dos chistes, do cômico e do humor seria então, em última instância, o de restabelecer esse prazer, ou seja, resgatar a euforia e a felicidade em viver própria ao infantil” (FREUD *apud* KUPERMANN, 2003, p. 45).

De acordo com Kupermann, em 1905, quando as atenções eram voltadas para a fundamentação e estruturação do inconsciente, Freud entendia esse “prazer preliminar” através do conceito de “reconhecimento” de Aristóteles, ou seja, de que a gratificação prazerosa viria de uma “repetição lúdica” (*Ibid.* p. 46) e que esse reconhecimento-repetição, em última instância, remeteria à primeira infância. Esse prazer não tem uma forma específica, mas toda a busca de prazer (seja pelo humor, pelo chiste, pelo cômico, pela estética, pela arte, etc) teria como objetivo restaurar esse prazer preliminar, infantil e livre de qualquer recalque. Por isso, o humor se explicaria pela suspensão do recalque, levando ao reencontro com esse prazer preliminar.

Porém Freud foi posteriormente influenciado pela concepção de prazer de Gross que, sob influência de Nietzsche, entende o prazer como uma “alegria de poder” (*Ibid.* pág. 46), um prazer que sentiríamos ao expandir nossas capacidades psíquicas, ao vermos que podemos fazer algo que antes não podíamos. Essa concepção viria a aparecer quando as atenções se voltam para as relações de dominação do Super-eu sobre o Eu e os mecanismos do Id.

Para reforçar a ideia de que o prazer preliminar seria um ponto comum para pensarmos os prazeres secundários do humor e da arte e para pensarmos os papéis do humorista e do escritor, Kupermann recorre à ideia desenvolvida em “O escritor e a fantasia” (2015), de 1908.

Em primeiro lugar, é preciso considerar a *forma*. Há uma forma no humor e na arte que lhe são próprios. O conteúdo pode ser o mesmo, mas a forma dá sentido ao conteúdo. É por isso que, em segundo lugar, o escritor e o humorista são aqueles com a capacidade para dar uma forma específica àquele conteúdo. Freud explica que os escritores são capazes de, por um lado, suspender o próprio narcisismo em prol de um laço social com o público, por outro dar um sentido estético para seus devaneios. “Em minha opinião, todo prazer estético que o escritor criativo nos proporciona é da mesma natureza desse prazer preliminar (...)” (FREUD *apud* KUPERMANN, 2003, p. 51).

Kupermann levanta a questão de como poderíamos abordar o humor ser uma tentativa de restabelecer o prazer originário sem que isso retire o indivíduo da realidade, sem que seja uma fuga, ou seja, sem que ele caia numa psicose. Essa questão pode ser respondida no texto “O Humor” quando Freud entende que não se trata apenas da suspensão do recalque. Freud entende que há um sobreinvestimento do Super-eu e não uma recusa dele. O Eu utiliza-se do



Super-eu para obter prazer frente à realidade e não pra negar a realidade. Eles atuam juntos na busca de um triunfo narcísico do Eu.

Dessa maneira, quando Freud entende que “o humor não é resignado, mas rebelde” (2014, p.325), não é uma rebeldia contra o Super-eu, mas contra uma realidade adversa. Nesse sentido, o humor faria frente à solidão dos sonhos e à seriedade excessiva do sujeito narcísico-masquista e individualista de “Luto e Melancolia” (2010), de 1917.

Isso configuraria, inclusive, a disposição ética do humor, uma vez que a rebeldia que o humor proporciona, além de uma transgressão da realidade, não é individualizante, ou seja, também promove laços sociais coletivos. Freud já havia detectado, em 1905, a necessidade inadiável que o indivíduo sente de dizer o chiste tendencioso que lhe veio espontaneamente à cabeça.

O que no Brasil dizemos, quase como um ditado popular, “perco o amigo, mas não peço a piada”, Freud havia percebido como uma necessidade de estabelecer laços entre os indivíduos para promover impulsos hostis contra uma mesma autoridade ou instituições: “o impulso de comunicar o chiste está inseparavelmente ligado ao trabalho do chiste” (FREUD, 2017, p. 204). O chiste só possui forma na comunicação; ele não tem sentido, não faz rir, se guardado para uma só pessoa (ao contrário do cômico).

É necessário que primeira e terceira pessoas possuam o mesmo fator inibidor a ser suspenso, a mesma inibição a ser superada; daí deve existir uma cumplicidade, uma “compatibilidade psíquica” (*Ibid.* p. 215). O chiste tendencioso provoca riso em grupo pois, repentina e inesperadamente, abre fontes de prazer em comum que estavam inacessíveis pelo recalque. Há um re-conhecimento nessa cumplicidade.

Com os posteriores estudos da horda primitiva e do parricídio em “Totem e Tabu” isso ficaria bem mais compreensível. Ademais, também ajuda a esclarecer o que Freud viria a conceituar como “narcisismo das pequenas diferenças” (em “O mal-estar na civilização”, 2010), ou seja, ataques e rivalidades de grupos contra outros grupos (piadas contra habitantes de determinado país ou cidade, por exemplo).

## Conclusão

Esse breve estudo teve por objetivo adensar nossas reflexões acerca do riso através de uma perspectiva psicanalítica. Por um lado, há uma mudança de foco (do chiste e do inconsciente para o humor e o Super-eu) conforme o transcorrer do tempo e da elaboração dos conceitos freudianos. Por outro, o Super-eu, conhecido como a instância de severidade e limitação do Eu, aparece como aliado na busca do prazer. Se a sublimação pode oferecer um caminho para a compreensão do humor como uma reestruturação do mundo, podemos entendê-lo também como uma forma de conciliação entre princípio do prazer e princípio da realidade que escape aos caminhos neuróticos e psicóticos.

## Referências

GAY, P. **Lendo Freud: investigações e entretenimentos**. Rio de Janeiro: Imago, 1992.

FREUD, Sigmund. **A interpretação dos sonhos**. In Obras completas, volume 4: A interpretação dos sonhos (1900). Trad. Paulo César de Souza — 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019. (Trabalho publicado originalmente em 1900).

FREUD, Sigmund. **O mal-estar na civilização**. In Obras completas, volume 18: O mal-estar na civilização, novas conferências introdutórias à psicanálise e outros textos (1930-1936). Trad. Paulo César de Souza — 1ª ed. — São Paulo: Companhia das Letras, 2010. Pags 13-122. (Trabalho publicado originalmente em 1930).

FREUD, Sigmund. **O Humor**. in Obras Completas, volume 17: Inibição, sintomas e angústia, O futuro de uma ilusão e outros textos (1926-1929) trad Paulo César de Souza, 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2014. Pag 322-330. (Trabalho publicado originalmente em 1927).

FREUD, Sigmund. **O chiste e sua relação com o inconsciente** In Obras completas, volume 7. tradução Fernando Costa Mattos e Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2017. (Trabalho publicado originalmente em 1905).

FREUD, Sigmund. **Totem e tabu**. In Obras completas, volume 11: Totem e tabu, Contribuição à história do movimento psicanalítico e outros textos (1912-1914). Trad. Paulo César de Souza — 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2012. Pag. 13-244. (Trabalho publicado originalmente em 1914).

FREUD, Sigmund. **Além do princípio do prazer**. In. Obras completas, volume 14: História de uma neurose infantil (“o homem dos lobos”), Além do princípio do prazer e outros textos (1917-1920). Trad. Paulo César de Souza — 1ª ed. — São Paulo: Companhia das Letras, 2010. Pág 328-376. (Trabalho publicado originalmente em 1920).

FREUD, Sigmund. **Introdução à Psicanálise das Neuroses de Guerra**. In. Obras completas, volume 14: História de uma neurose infantil (“o homem dos lobos”), Além do princípio do prazer e outros textos (1917-1920). Trad. Paulo César de Souza — 1ª ed. — São Paulo: Companhia das Letras, 2010. Pags 382-388 (Trabalho publicado originalmente em 1919).

FREUD, Sigmund. **Sobre a psicopatologia da vida cotidiana**. In Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud (Vol. VI). Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Trabalho publicado originalmente em 1901).

FREUD, Sigmund. **Os instintos e seus destinos**. In Obras completas, volume 12: Introdução ao Narcisismo, Ensaio sobre metapsicologia e outros textos (1914-1916). Trad. Paulo César de Souza — 1ª ed. — São Paulo: Companhia das Letras, 2010. Pags 209-246. (Trabalho publicado originalmente em 1915).

FREUD, Sigmund. **O eu e o id**. In Obras completas, volume 16: O eu e o id, “autobiografia” e outros textos. Trad. Paulo César de Souza — 1ª ed. — São Paulo: Companhia das Letras, 2011. Pags 13-74. (Trabalho publicado originalmente em 1923).

FREUD, Sigmund, **Psicologia das massas e análise do eu**. In Obras completas, volume 15 Psicologia das massas e análise do eu e outros textos (1920-1923). Trad. Paulo César de Souza — 1ª ed. — São Paulo: Companhia das Letras, 2011, Págs. 09-100. (Trabalho publicado originalmente em 1921)

FREUD, Sigmund. **O futuro de uma ilusão**. In Obras Completas, volume 17: Inibição, sintomas e angústia, O futuro de uma ilusão e outros textos (1926-1929) trad Paulo César de Souza, 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2014. Pag 231-301. (Trabalho publicado originalmente em 1927).

FREUD, Sigmund. **O escritor e a fantasia**. In Obras completas, volume 08 — O delírio e os sonhos na Gradiva de W. Jensen, Análise da fobia de um garoto de cinco anos e outros textos (1906-1909). Trad. Paulo César de Souza — 1ª ed. — São Paulo: Companhia das Letras, 2015. 325-338 (Trabalho publicado originalmente em 1908).

FREUD, Sigmund. **Luto e melancolia**. In Obras completas, volume 12: Introdução ao Narcisismo, Ensaio sobre metapsicologia e outros textos (1914-1916). Trad. Paulo César de Souza — 1ª ed. — São Paulo: Companhia das Letras, 2010. Pags 170-194. (Trabalho publicado originalmente em 1915).

KUPERMANN, D. **Ousar rir**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

KUSNETZOFF, J. C. **Introdução à psicopatologia psicanalítica**. 8ª Ed. Col. Logos. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

MINOIS, GEORGE. **História do riso e do escárnio**. São Paulo: Editora UNESP, 2003.

Recebido em 10 de dezembro de 2020.

Aceito em 23 de março de 2021.